

Por Luiz Fernando Pinto

Série: Reclames e profanações na boca da Noite

#1 Era tu Deise ou o nosso amigo Mário

É doce morrer no mar
Nas ondas verdes do mar
É doce morrer no mar
Nas ondas verdes do mar

Dorival Caymmi

Alô! Ôô Deise? Hello, Deise! Cansei desse negócio de carta, agora é telefone. Tô aqui ó... direto do çentro. Isso...vou direto ao ponto. Escuta. Eu vi. Ninguém me contou, não. Botei a cara na rua e você estava lá. Filmei hein. Tá tudo na nuvem. Tá querendo virar atleta? Só não entendi o horário. Coisa de lacadora mesmo, Deise! Tu queria flash! Não se faz de besta, sei que tá me ouvindo. Como está o tempo aí em Varginha? Quando vier traz umas mangas! Ainda bem que nada passa batido, já fez as contas? São mais de trezentas janelas. Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta olhos que não falham, apesar da miopia, Deise. Dessas frestas eu já vi coisas que até Mário desconfia. Foi exatamente neste horário. As águas platinadas da baía pareciam até uma pintura...lindo! Os peixes, os barquinhos, as eucariontes, fotossintetizantes, clorofiladas, unicelulares e pluricelulares, o lixo, o óleo, as placas tectônicas, as bostas... lógico! Tu acha que teu coco vai pra onde? Tudo refletido pela lua cheia. Coisa linda! Outro patamar... mar se eu fosse poeta de poesia faria um poema. Como não sou, te ligo e narro o que vi-vi. Narro como questão de sobrevivência, Deise. Te reconheci pelo cocoruco, essa peruca, lady, Deise é batata te reconhecer. Você não me viu. É que me fingi de morto. Não sou besta! Pareço defunto mas é tudo fingimento, tudo encenação. Fiz escola, mon amour. Tá pensando o que? Todos esses artistas aí são fruto de moi, ou de mauá. Mas Deise, vai que tu pega um resfriado? Uma gripe? Uma pneumonia? Pelo menos estava nadando sozinha, sem aglomeração, e devidamente mascarada, é bom ressaltar. Mas, escuta aqui. Gostei do maiô, esse rosa choque é a tua cara. Confesso que foi bom te reencontrar. Aqui é tudo tão solitário que só fico com as lembranças. Vez ou outra até elas me faltam. Você está aí? Falei dele mas eu já ia esquecendo de contar o mais importante. O nosso amigo. O que está acontecendo com o Mário? Voltou quatro meses depois, e entrou na minha casa, certa manhã, quase no estado em que eu o vi no passeio público. A diferença é que o olhar era outro. Vinha com sede de guaraná Jesus. Me contou que vai fundar o desvairismo, sim... doido de pedra. Não só está louco, mas sabe que está louco. E esse restin de consciência, como uma frouxa lamparina no meio das trevas, complica muito o horror da situação. Perdeu a seriedade. Escuta. Mário não tá sozinho, mesmo que insista em dizer o contrário. Isso é coisa de quem está acompanhado, Deise! Tem dedo do olho grande do Martinelli ou o Marinetti, ervas daninhas, Deise! O pior, ele não se irrita contra o mal, ao contrário, diz que o sintoma é ainda uma prova de desvairismo. Recitou um prefácio longuíssimo e um tanto interessantíssimo. Um cruzo danado, um entroncamento. Deise, deixaremos que tropece? Caia e se fira? Assis acha que é exagero! Mas não foi ele quem ouviu o coitado dizer que seguia um tal de Dom Lirismo, único dom que conheço é o Casmurro, esse Lirismo deve ser um desses deuses que ele foi buscar no Piauí. Antes no Piauí do que ir parar em Itaguaí. Veio com um papo que havia passado um bom tempo procurando a si mesmo e que era um tupi tangendo um alaúde. Ainda teve o disparate de dizer que não se importava por eu não entender essa loucura toda. E por fim, pra completar, depois de tudo olhou nos meus olhos e berrou “está acabado o desvairismo”. Imagino o seu susto, Deise, ouvindo isto. Não tenho tempo para explicar: me ligue, se quiser. Ou convide o Mário para um mergulho. Aproveite o seu exílio no Rio. Saudades aos seus e aceite um abraço eletromagnético. Não! Não é eletromagnético, me enganei, é radioativo, que falou um faquir alemão que me analisou e disse que dou felicidades pelas forças radioativas que possuo. Um cheiro e um queijo, de Minas!